



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR—**JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL

End. telegr. Zalkaba—Lisboa • Telefone: 19

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

QUEIXAS...

Raro é o dia em que a esta oficina não chegam queixas amargas contra a insuportável vida a que presentemente está sujeito o povo, queixas que umas vezes aqui nos são apresentadas pessoalmente, outras por meio de cartas.

Dar conta de todos esses lamentos do povo que trabalha e consome, equivale a encher o jornal, da primeira à última linha, com esse assunto, que aliás é o mais importante da hora presente. Mas como a gazeta tem necessidade de escapar-se de outros casos que também interessam ao operariado e ao público, e como, além disso, estamos convencidos que não é a falta de artigos de jornal que o assunto não está resolvido, porque palavras teem-se pronunciado muitas, mas obras é que se teem feito pouquíssimas, traduzimos geralmente essas queixas em artigos que diariamente damos à estampa, embora já estejamos fatigados de dizer ao povo que as coisas não de continuar assim, enquanto ele, que possui uma grande força, não organizar essa força para se opor proficuamente aos assaltantes.

Hoje, porém, damos a palavra neste lugar a alguns consumidores que nos escrevem e que analisam com verdade irrefragável factos que todos nós conhecemos pela amarga experiência de todos os dias, pondo nós essas cartas, algumas delas duma grande simplicidade, mas duma eloquência esmagadora, ante os olhos dos novos governantes, e fazemo-lo sobretudo no intuito de que se não possa supor que, quando escrevemos, carregamos as negras cores do quadro que representa hoje a existência para o consumidor.

Oíçamos o que nos diz um *Leitor de A Batalha*:

«Neste nosso país em paz, chegámos a esta triste e dosolada situação: Não há açúcar, não há azeite, não há arroz, não há feijão, não há banha, não há manteiga, não há carne de vaca, não há massa, não há carvão, não há petróleo em muitas carroviarias, não há tabaco nacional nem fósforos e até em muitos dias não há sardinha, nem carapau, nem obstante os seus elevados preços. Não há senão ladrões, traficantes, exploradores, exportadores, sonegadores, assaltadores e gatuões de toda a espécie. Os comerciantes e negociantes e os fornecedores e armazenistas, estão desenfreados nas suas ambições e ganâncias e nas casas de pasto e tabernas, as comidas e o vinho (perdão, a zurrapa) sobem de preços quasi todos os dias. O leite, sempre falsificado e avarejado, fornece ao nosso estômago uma boa dose de veneno, e o pão actual, além de caro, é negro, porco e dum péssimo gosto, por ser fabricado com farinhas estragadas e velhas. De resto, o que por ali aparece à venda, se fosse bem examinado pelas autoridades sanitárias, tudo seria enviado para o gualho, pois que por altos preços se está vendendo bacalhau podre, peixe podre,atum podre, ovos podres, bôlos e pastéis podres, toucinho e chouriço em muito mau estado, queijo com microbios, feijão miúdo reles, com bichos. Todas estas mistelas se devoram dum trago, porque já é muita a fome em Lisboa, de modo que o pobre consumidor é roubado quatro vezes: no preço, na qualidade, no peso e na medida. E o que teem feito os governos da República? Que providências teem elles dado acerca destas ladrocinhas? Nenhumas, e teem deixado os ladrões à vontade para roubar e o mais que podem, e mandam fazer rugas aos vadios, que por sua infelicidade não possuem estabelecimentos comerciais para também fazerem fortunas rápidas. Os governos suadem-se como os alcátrizes duma nora e poico tempo que se conservam no poder só o empregam na política partidária e em discursos bombásticos.»

A. S. Sousa, de Abrantes, expressa-se do seguinte modo:

«A carestia da vida vai aqui attingindo desespero, alastrando qualifito exorbitante. O pão, que ontem custava \$36, deixou hoje de aparecer, para custar já amanhã \$54.

E apesar disso, alguns padeiros dizem que fecharão as portas, que não fazeirão pão, porque não ganham o suficiente!

O carvão custava \$99. Amanhã aparecerá a \$16. Não há fósforos, e alguém que saia de casa fumando o seu cigarro é alface (porque não há tabaco), e logo esculido por grupos de indivíduos que se chamam «os seus lumes».

Não há azeite e, para cúmulo, até já falta a água! Ai de nós se cruzarmos os braços, indiferentes, porque isso é dar o nosso apoio aos gananciosos, é ajudá-los na sua tarefa de encher os seus coxins. Oxalá que os resultados lhes não sejam funestos!»

Um outro operário dirige-se-nos da forma que vai ler-se:

«No dia 8 esteve minha companheira na fiação do carvão, no estabelecimento de carroviaria e vinhos na Rua S. Boaventura, durante 11 horas, ou seja das 7 da manhã até às 7 da tarde para afixar o nosso trabalho. Hoje, 9, minha companheira voltou à mesma hora para o mesmo local. Chego do meu trabalho a casa às 6 e meia e vou ter com

ela. Qual foi o meu espanto quando eu vejo que pela porta de entrada para a casa do vinho ou seja pela travessa do Conde de Soure entravam os afilhados do carroviario e os da autoridade. E as pobres mulheres que estavam na bicha, assistiam aquilo. Elas bem protestavam, mas ainda levavam castanha e algumas foram presas por cima. Aquela que reclamava contra tal facto era logo passada para traz.

Ali perdeu minha companheira 22 horas na bicha e veio sem nada. Mas de quem é a culpa? E' de nós todos.—*José da Costa Dias.*»

Assim se nos dirige um camarada nosso:

«Como sou um apaixonado do nosso jornal, e tenho acompanhado as suas campanhas e protestos, venho-vos comunicar que morando em Campo de Ourique, há já um mês que não sei o que é almoçar café.

Pregunto se não é crime, e dos maiores, o que nos fazem a nós, aos que moramos na freguesia de Santa Isabel.

Mandaram-nos ir buscar as senhas para o açúcar e ainda não vimos esse indispensável alimento nas casas dos trabalhadores. Porquê motivo será que nas outras freguesias, por exemplo nas Mercês e S. Nicolau, aparece açúcar e não aparece nesta?

Tudo isto indigna, revolta.—*José Simões, operário sindicalista.*»

Aos autores dos angustiosos brados que ali ficam e aos proletários que igualmente sentem as amarguras desta quadra de fome, fome produzida não pela rebeldia da terra, que continua a dar tudo quanto é necessário à alimentação da humanidade, mas pela criminosa usura dos que a detem, recordamos que a organização operária não tem descurado o transcendente assunto. Ainda há pouco mais de oito dias que *A Batalha* publicou um trabalho da C. G. T., que supúnhamos viesse a merecer um vivo interesse da massa, mas verificámos que em volta dele se fez um silêncio que é seguro indicio de que a multidão não se mostra, ainda, disposta a agir convenientemente.

E' possível que nos enganemos e oxalá assim suceda.

C. G. T.

Comité Confederal

Volta hoje a reunir, pelas 21 horas, o Comité Confederal com a presença de todos os seus membros.

Conselho Jurídico

No dia 16 foi o julgamento, no 2.º distrito criminal, de António Abrantes, acusado de ter insultado os vereadores da câmara municipal. O julgamento ficou adiado por falta de testemunhas de acusação, não podendo a isso opor-se o advogado, que era o dr. Sobral de Campos, por ser a primeira vez que por tal motivo era adiado.

O acusado está afluado. Nessa mesma tarde partiu o advogado do Conselho Jurídico para Setúbal, por ali ter, no sábado, 17, o julgamento, em audiência de júri e com acusação particular, de dois trabalhadores das fábricas de conservas, acusados de homicídio frustrado.

Também este julgamento não teve lugar, pelo mesmo motivo, supondo-se que ainda se realizará antes das férias judiciais, que principiam em 15 do próximo mês.

Como o dr. Sobral de Campos não deu consultas, por estas razões, na passada sexta-feira, e como tem de partir amanhã de manhã para Coruche, onde vai tomar parte em uma audiência de júri que ali se efectua no dia 22, dá hoje consultas, no gabinete do Conselho Jurídico, às 21 horas.

Uma saudação à "Batalha,"

Do Sindicato Unico Metalúrgico do Porto, cuja corporação ora se encontra em greve, acabamos de receber o seguinte telegrama, de admirar sendo o que a attila censura o deixasse passar, posto que fala em greve, o que, para ela, é coisa subversiva.

PORTO, 19.—Os operários metalúrgicos em greve pró-aumento de salário saudam *A Batalha*, porta-voz da organização operária.—*Santos Viseu.*

Ainda a revolta de Saragoça

Deve pronunciar-se em breve o conselho de guerra

MADRID, 19.—O conselho supremo de guerra e de marinha deve pronunciar-se em breve sobre o recurso apresentado pelos dois condenados à morte por motivo da revolta militar de Saragoça.—*Rádio.*

A conferência de Paris

Aprova o restabelecimento das comunicações com a Europa

LONDRES, 19.—As propostas para o restabelecimento das comunicações postais telegráficas e radiotelegráficas na Europa foram acetas pela conferência de Paris e serão submetidas aos governos interessados. A conferência submeterá o assunto à sociedade das nações.—*Rádio.*

NOTAS & COMENTARIOS

História

Antigamente, quando a escola era risonha e franca, e nossos avós não tinham barba branca, o carapau era barato e fresco, e qualquer maltrapilho e levava à sua banca, saboreando-o com prazer. Hoje tudo mudou. O que dantes se comprava por um vintém, custa agora cinquenta centavos.

Veio ontem à nossa redacção um trabalhador indignado, e com razão. Na casa de um tal Domingos, na rua de S. Pedro, em Alfama, pediram-lhe por um carapau de cinco centímetros simplesmente sete vinténs! Protestou. E o Domingos, que não passa fome e tem naturalmente dinheiro a render, respondeu-lhe: «Que quer? Uma tonelada de lenha custa oitenta mil réis!»

Quantas toneladas teria gasto o teria gasto o Domingos para fritar o raquitico carapau?

Quem quer

—Quem quer a pasta?

—Quem quer a pasta? Quem quer a pasta? E' o pregão que se tem ouvido nestes últimos tempos. Ninguém a quer, todos a recusam. Rebuscam presidentes de ministério por todos os cantos: nas sargentas e nos campos de esgoto, nos cestos de papeis e caixotes de lixo.

—Quem quer a pasta? Quem quer a pasta? Tudo foge. Nada, que o país está a pôde e pode desfazer-se-lhes nas mãos!

Por fim lá aparece um audacioso, arisca debilmente um gesto e grita finalmente:

—Quero eu!

Completa-se, então, o quadro das nulidades.

E Ele?

Ainda se não sabe qual é a opinião de Ele acerca da constituição do governo do sr. Granjo. Ele querera continuar certamente a mandar nos ministérios do interior e da guerra, na policia civil, na da segurança, nos juizes, em tudo enfim—da guarda é sabido que Ele o dono—e como o trasnasmato parece não ser homem para se deixar dominar por Ele, conclui-se que deve estar contra, fazendo, portanto, coro com os defensores da Jaquina.

Nós veremos isso dentro em pouco.

Não há dúvida: raminhou-se...

Assim o diz Millerand, um dos da "Liberdade dos Povos"

PARIS, 19.—Nas suas declarações aos jornalistas, o sr. Millerand, referindo-se à questão do carvão, declarou:

«Temos um contrato fechado, e assinado pela Alemanha. Em Berlim funciona uma comissão, tendo por fim vigiar a sua execução. Trata-se, pois, que se nos três meses próximos a Alemanha não expedir seis milhões de toneladas de carvão, a sanção será aplicada e ocuparemos o Ruhr. Relativamente ao desarmamento, a Alemanha deverá executar pontualmente quanto lhe foi ditado, e que se comprometeu a cumprir, e se no tempo fixado ela não respeitar os compromissos, a bacia do Ruhr será ocupada. Como vêem, caminhou-se. Desde a conferência de Londres, esta questão das sanções tinha ficado suspensa.»

O sr. Millerand acrescenta, acerca das reparações:

«A conferência financeira e internacional, que devia ter lugar no dia 23 do corrente, não se realizou. Tornou-se inútil nessa data, devendo adiar-se, pois na conferência de Spa não se abordou a questão das reparações. Porém, deu-se um grande passo; o acordo foi absoluto entre os aliados. A França terá \$20.000.000.000 de francos de importância que a Alemanha terá a pagar para reparar as perdas causadas e, se a França tem a sua parte ligeiramente reduzida, é que era absolutamente necessário que a Bélgica obtivesse o que anteriormente lhe fora prometido. O acordo não podia deixar de se realizar, pois a França e a Bélgica teem interesses comuns. Entre a França e a Bélgica as relações foram sempre as mais amistosas, e presentemente são as mais estreitas quanto possível.»

O presidente do conselho insistiu, mais uma vez, na estreita união que sempre houve entre todos os aliados, dizendo que depois de dar conta ao presidente da República, em Rambouillet, dos resultados da conferência, fará amanhã uma declaração no parlamento.

Rádio.

O 1.º congresso da mocidade sindicalista

Realiza-se em Setúbal no próximo mês de Setembro

Lavra grande entusiasmo entre a mocidade sindicalista pela realização do seu primeiro congresso.

A comissão organizadora tem recebido a adesão de quasi todos os núcleos da Juventude Sindicalista do país, e está activando a conclusão das teses que vão ser apresentadas ao mesmo congresso e que são: de organização, de educação e de propaganda, de defesa do aprendizado e de fins ideológicos das Juventudes Sindicalistas.

Tem também a mesma comissão conhecimento de que em várias localidades, especialmente no sul, se estão organizando excursões a Setúbal, no último dia do congresso, que é num domingo.

São por este meio prevenidos os núcleos de Juventude Sindicalista que teem de apresentar alguma tese que as devem enviar à comissão organizadora até ao fim do corrente mês, a fim de ser publicada em *O Despertar*, o qual no próximo número já deve publicar algumas.

Exportação de mercadorias

Vai ser publicado um decreto isentando das mercadorias de licença do ministério do comércio para a sua exportação, tais como sardinha e biqueirão prensada e em salmoura, retalhos de folhas de Flandres, trapos de lã, cera nacional e colónias, borras e sarros de vinho.

Para evitar os prejuizos da empreitada, os rurais de Torre de Miguel Sesmeiro impõem a «ceifa colectiva»

MADRID, 16 de Julho

Das almas rudes dos trabalhadores surgem às vezes reflexos tam intensos que ofuscam os raios brilhantes daquelles cuja cerebração é produto duma cultura, que ilustrando o pensamento, deixa todavia vagando ao sabor de criminosas conveniências as suas almas egoístas, incapazes de compreenderem os sublimes raios da Solidariedade humana.

O gesto dos nossos camaradas trabalhadores rurais de Torre de Miguel Sesmeiro, povoação da provincia de Badajoz, é duma tal grandeza e demonstração de aquiescência, que não resistimos a trazer lo ao conhecimento dos leitores de *A Batalha*, para os quais todas as demonstrações da consciência proletária representam um fortificante incentivo para a luta e um aforamento de fé no próximo advento duma sociedade melhor.

Atitudes como a que tomaram aqueles nossos dignos camaradas são para nós o resgate das horas amargas que sofremos quando ardemos na febre de ver desaparecer rapidamente este mundo de aquiescências, para dar lugar a um outro onde os indivíduos se possam conduzir com dignidade e viver social e economicamente livres.

REPORTAGENS DE ESPANHA

Para evitar os prejuizos da empreitada, os rurais de Torre de Miguel Sesmeiro impõem a «ceifa colectiva»

MADRID, 16 de Julho

Das almas rudes dos trabalhadores surgem às vezes reflexos tam intensos que ofuscam os raios brilhantes daquelles cuja cerebração é produto duma cultura, que ilustrando o pensamento, deixa todavia vagando ao sabor de criminosas conveniências as suas almas egoístas, incapazes de compreenderem os sublimes raios da Solidariedade humana.

O gesto dos nossos camaradas trabalhadores rurais de Torre de Miguel Sesmeiro, povoação da provincia de Badajoz, é duma tal grandeza e demonstração de aquiescência, que não resistimos a trazer lo ao conhecimento dos leitores de *A Batalha*, para os quais todas as demonstrações da consciência proletária representam um fortificante incentivo para a luta e um aforamento de fé no próximo advento duma sociedade melhor.

Atitudes como a que tomaram aqueles nossos dignos camaradas são para nós o resgate das horas amargas que sofremos quando ardemos na febre de ver desaparecer rapidamente este mundo de aquiescências, para dar lugar a um outro onde os indivíduos se possam conduzir com dignidade e viver social e economicamente livres.

Contra a ceifa por empreitada

O trabalho por empreitada, todos o sabem, resulta pernicioso, principalmente para o operário que tem de empregar um maior esforço, que de forma alguma é reparado pelo anho que usufrui.

Mas se os interesses e a saúde do indivíduo são feridos, colectivamente apresenta um prejuizo, pois deixa muitos braços sem trabalho, criando uma situação imoral entre os operários, porque enquanto uns assambram de mocho enquanto o trabalho que lhes permite ganhar a vida, o outro fica condenado à miséria e a morrer de fome com os seus.

Foi para evitar uma tal condenação anómala que os camponeses pertencentes à Sociedade *La Luz de los Obreros* (A Luz dos Operários), a qual faz parte da Federação Agrária da provincia de Badajoz, numa das suas assembleias estudaram e votaram as novas condições que deviam realizar-se as ceifas, das quais deram, prévio conhecimento, em 13 de Maio deste ano, à secretaria da Câmara Municipal, tendo declarado o primeiro tenente do alcaide que elas não seriam acatadas, pois que nem a sociedade nem ninguém podia impor a sua vontade aos outros.

As condições dos trabalhadores consistiam em não permitir o trabalho de empreitada nas ceifas, devendo cada operário ganhar o salário de dez pesetas.

Começaram os referidos trabalhos e os proprietários procuraram inutilizar essas condições, contratando alguns operários que se prestaram a servir os seus gananciosos e preveros interesses, resultando ficar sem trabalho um grande número de trabalhadores, e os patrões, julgando-se seguros da impunidade, chegaram a impor piores condições de trabalho, o que descontentou todos os operários.

Os que estavam condenados a perecer de fome, pois que não lhes davam trabalho, reuniram e tomaram deliberações que trataram de pôr em prática.

A ceifa colectiva

No dia seguinte apresentaram-se na herdade para ceifar, sem que tivessem sido chamados e o dono barafustou, dizendo que tal attitude representava uma violação contra a propriedade alheia, que se fossem embora, pois que ninguém os havia chamado.

A Espanha agitada

Colisão entre católicos e socialistas

AZCOITIA, 19.—Deu-se ontem uma violenta colisão entre operários católicos e socialistas, sendo necessária a intervenção da benemerita, que para restabelecer a ordem teve de empregar a força do que resultou vários feridos.—*Rádio.*

Em Barcelona são mortos a tiro dois encarregados

BARCELONA, 19.—O encarregado dos trabalhos na pedreira de Montjuick foi atacado a tiro por um grupo de desconhecidos, sendo atingido por três balas, que lhe causaram a morte.

O chefe das oficinas da Companhia dos Caminhos de Ferro Madrid-Saragoça-Alicante foi igualmente agredido por um desconhecido com três tiros, morrendo na casa de socorro.

Os autores destes dois atentados conseguiram fugir.—*Rádio.*

Os construtores navais do Ferrol chegam a um acordo com as empresas?

FERROL, 19.—Espera-se que, devido às delinquências actualmente empregadas, se solucionem em breve a greve dos operários construtores navais e o lock-out das empresas.—*Rádio.*

Exportação de mercadorias

Vai ser publicado um decreto isentando das mercadorias de licença do ministério do comércio para a sua exportação, tais como sardinha e biqueirão prensada e em salmoura, retalhos de folhas de Flandres, trapos de lã, cera nacional e colónias, borras e sarros de vinho.

Vida cara e difícil

Um hospedeiro ganancioso

O operário Teotónio Ribeiro, morador num quarto alugado em casa de Aveleiro Alves, rua da Escola de Medicina Veterinária, 4, 2.º D., conta-nos que o dono da casa, que também é operário, quando em tempos o senhorio lhe aumentou a renda em 2500, tratou de aumentar o aluguer dos quartos, ficando ele a pagar mais 1500 e uma senhora que vive noutro quarto, mais 2500. Pois agora o referido indivíduo, que mostra bem ter fígados de senhorio ganancioso e sem escrúpulos, pretende arrancar-lhe mais 3500, quando ele já está de graça e ganhando dinheiro, querendo a viva força pô-lo fora, recorrendo à policia com queixas mentirosas, o que felizmente o acusado pôde inutilizar com felicidade, tam estúpida e tão fácil.

É lamentável o que nos contam sobre este aspirante a senhorio, que sendo operário mostra tanta vocação para a «profissão».

Distribuição de açúcar

A Junta da Freguesia do Beato previne todos os seus paroquianos que para proceder ao racionamento do açúcar e passagem de cadernetas, é necessário enviar com urgência à Junta os respectivos recibos da renda de casa da seguinte forma:

Dia 20, das 14 às 17 horas, a área compreendida pela Horta das Canas, Largo da Marquesa de Niza, Vila Flaminia, Largo e Rua de Xabregas, Rua da Manutenção do Estado, Calçada de D. Gaspar, Vila Zena, Calçada do Grilo, Estrada de Marvila, Travessa da Ilha do Grilo, Rua da Bela Vista ao Cr. Alto dos Toucinheiros e de Santa C.

Finalmente!

Já há governo

Há longos dias que o país tem estado sem governo, o que aliás se não tem notado, conforme já aqui mostrámos. Os governos, nestes últimos tempos, pouco duram. A isso devemos ainda haver alguma coisa boa de pé, porquanto a sua missão se limita a complicar todas as questões.

Quando se anuncia a subida de novo governo ao poder, muita gente começa a recolher a casa mais cedo, por precaução, porque a desordem está próxima.

Há governo, pois, leitores. Mas isto não quer dizer que apareça açúcar à venda, que o feijão entre nas panelas caseiras, que o chouriço vá para mais barato e a vida se desafogue um pouco. Pelo contrário: organizar-se há de ser uma tarefa árdua, e a desordem está próxima.

Quando se anuncia a subida de novo governo ao poder, muita gente começa a recolher a casa mais cedo, por precaução, porque a desordem está próxima.

AS GREVES

Chaufeurs

Do Comité da greve recebemos a seguinte nota:

Reuniu ontem esta classe, em assembleia magna, resolvendo por indicação do Comité que a greve a partir de hoje, pelas 0 horas, fosse parcial, devido ao grande número de adesões recebidas.

A classe previne os patrões de automóveis particulares, camionagem, praça e aluguer, que à medida que vão aderindo, ser-lhes há entregue um distintivo, para poderem circular sem serem incomodados os seus chauffeurs. Todos os patrões que estejam de acordo com as justas reclamações da classe, podem mandar os seus chauffeurs à Associação de Classe, onde lhes serão dadas todas as explicações necessárias.

O Comité dirige-se a toda a classe pedindo-lhe que tenha confiança, pois que a vitória está para muito breve, chovendo constantemente as declarações dos patrões afirmando a sua concordância com as reclamações da classe.

O Comité saúda em nome da classe dos chauffeurs todas as classes operárias, e especialmente as que actualmente estão em luta, desejando-lhes Saúde e Vitória. Também saúda e agradece ao jornal *A Batalha* pela cedência das suas colunas para publicações de interesse colectivo.

O Comité declara a sua satisfação por a classe, durante as 24 horas de greve geral, ter-se manifestado brilhantemente, pois que poucos foram os inconscientes que não compreenderam tal belo acto de solidariedade, e mesmo patrões houve que aderiram ao movimento recolhendo os seus carros, sendo um dos primeiros o sr. Teotónio Aguiar.

Hoje reúne a classe, pelas 17 horas. Que todos os chauffeurs compareçam para tomarem conhecimento do actualizado número de novas adesões.

Pessoal da Imprensa Nacional

Mantém-se ainda o conflito, que tudo indica estar prestes a solucionar-se, atenta a circunstância de estar já constituído o novo governo, a quem compete dar-lhe imediata solução, satisfatória.

Finalmente!

Já há governo

Há longos dias que o país tem estado sem governo, o que aliás se não tem notado, conforme já aqui mostrámos. Os governos, nestes últimos tempos, pouco duram. A isso devemos ainda haver alguma coisa boa de pé, porquanto a sua missão se limita a complicar todas as questões.

Quando se anuncia a subida de novo governo ao poder, muita gente começa a recolher a casa mais cedo, por precaução, porque a desordem está próxima.

Há governo, pois, leitores. Mas isto não quer dizer que apareça açúcar à venda, que o feijão entre nas panelas caseiras, que o chouriço vá para mais barato e a vida se desafogue um pouco. Pelo contrário: organizar-se há de ser uma tarefa árdua, e a desordem está próxima.

Quando se anuncia a subida de novo governo ao poder, muita gente começa a recolher a casa mais cedo, por precaução, porque a desordem está próxima.

Há governo, pois, leitores. Mas isto não quer dizer que apareça açúcar à venda, que o feijão entre nas panelas caseiras, que o chouriço vá para mais barato e a vida se desafogue um pouco. Pelo contrário: organizar-se há de ser uma tarefa árdua, e a desordem está próxima.

Quando se anuncia a subida de novo governo ao poder, muita gente começa a recolher a casa mais cedo, por precaução, porque a desordem está próxima.

Há governo, pois, leitores. Mas isto não quer dizer que apareça açúcar à venda, que o feijão entre nas panelas caseiras, que o chouriço vá para mais barato e a vida se desafogue um pouco. Pelo contrário: organizar-se há de ser uma tarefa árdua, e a desordem está próxima.

Quando se anuncia a subida de novo governo ao poder, muita gente começa a recolher a casa mais cedo, por precaução, porque a desordem está próxima.

Há governo, pois, leitores. Mas isto não quer dizer que apareça açúcar à venda, que o feijão entre nas panelas caseiras, que o chouriço vá para mais barato e a vida se desafogue um pouco. Pelo contrário: organizar-se há de ser uma tarefa árdua, e a desordem está próxima.

Quando se anuncia a subida de novo governo ao poder, muita gente começa a recolher a casa mais cedo, por precaução, porque a desordem está próxima.

Há governo, pois, leitores. Mas isto não quer dizer que apareça açúcar à venda, que o feijão entre nas panelas caseiras, que o chouriço vá para mais barato e a vida se desafogue um pouco. Pelo contrário: organizar-se há de ser uma tarefa árdua, e a desordem está próxima.

Quando se anuncia a subida de novo governo ao poder, muita gente começa a recolher a casa mais cedo, por precaução, porque a desordem está próxima.

Há governo, pois, leitores. Mas isto não quer dizer que apareça açúcar à venda, que o feijão entre nas panelas caseiras, que o chouriço vá para mais barato e a vida se desafogue um pouco. Pelo contrário: organizar-se há de ser uma tarefa árdua, e a desordem está próxima.

Quando se anuncia a subida de novo governo ao poder, muita gente começa a

